



A Ara Pacis Augustae na Itália fascista: análise sobre a instrumentalização do monumento a partir dos cinejornais do Istituto Luce (1937-1938)¹

Augusto Antônio de Assis

Objetivos do projeto

A pesquisa em questão pretende analisar a instrumentalização do monumento *Ara Pacis Augustae* por Mussolini, nos anos de 1937 e 1938, a partir do *Cinegiornale Luce*. Nosso principal objetivo consiste em situar a reagrupação e o restauro dos fragmentos do altar, adjunto a sua reinauguração, em 23 de setembro de 1938, realizada pelo próprio *Duce* em decorrência do término das comemorações do Bimilenário do nascimento de Augusto. Tal fato pode ser compreendido dentro de um contexto de culto da Antiguidade romana por meio da política do imaginário; essa mobilização teria, para tanto, apoiado-se em meios de divulgação em massa, como os cinejornais, curtos filmes noticiários de temáticas variadas, no plano nacional e internacional.

Os cinejornais produzidos pelo *Istituto Luce* se tornam um meio fundamental de comunicação entre o regime fascista e a população.² As fontes principais de nosso trabalho dizem respeito às quatro edições do *Cinegiornale Luce B*, produzidas nos anos de 1937 e 1938, recortadas dentro da temática “Ara Pacis”, todas disponíveis a partir do sítio online do *Archivio Storico Luce*³. As edições que contemplam nossa proposta são, precisamente, todas em que nosso objeto aparece nos cinejornais do referido instituto. Desta maneira, poderemos avaliar de que modo o regime utilizou a Ara Pacis como parte de seu *Culto della romanità*, dentro de um dos mais importantes veículos de divulgação oficial.

A relevância central de nosso trabalho, portanto, está diretamente ligada à compreensão e análise crítica da linguagem fascista - no caso, contraposição de cenas a uma narração de fundo - em um processo de comunicação direta com seu próprio povo, ou seja, um mecanismo construtor de identidade. Ainda, tudo diz respeito à instrumentalização de um monumento tão relevante, quanto a Ara Pacis, dentro de um processo que rasura e adapta a história do mesmo e seus usos anteriores, também permeados por relações de interesse.

¹ Este resumo apresenta os objetivos de pesquisa da Iniciação Científica em atual desenvolvimento com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº: 2020/06052-6, sob orientação do Prof. Dr. Glaydson José da Silva/UNIFESP.

² GIARDINA, A.. “O mito fascista da romanidade”. *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, 2008, p. 71.

³ Disponível em: <<https://www.archivioluce.com/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

Breve descrição da pesquisa

A fins epistemológicos, nossa perspectiva se insere dentro dos estudos de Recepção dos Clássicos. Tal campo focaliza o diálogo trans-histórico, de perspectiva bidimensional, que, segundo Martindale, conceitua tanto o antigo como o moderno enquanto clássico.⁴ Rompe-se assim a noção estática de passado, o receptor assume papel central na atribuição de significados e sentidos: “Antiquity is constantly changing as ever-changing modernities engage in dialogue with it; the ancient works come to mean differently under different modern conditions”.⁵ Contudo, nos diferenciamos de Martindale ao considerar que os processos de recepção já aconteciam na própria antiguidade.⁶

Todavia, nossa especificidade diz respeito sobre os Usos do Passado, diferencial por seu enfoque no caráter instrumental do passado mobilizado, buscando compreender os acréscimos, supressões e distorções do passado que objetivam abusos no presente. Os diferentes usos do passado refletem a consciência histórica de determinadas sociedades, correspondendo a valores fundamentais da vida, como a identidade, a moral, a política e a ideologia, em diferentes graus de força e urgência.⁷ Ademais, “os usos do passado atuam para criação e consumo de uma narrativa que, produzida no presente, não deixa de estabelecer expectativas para o futuro”.⁸

A romanidade já é basilar na consciência histórica europeia desde o fim do medievo; contudo, entre os séculos XIX e XX, no contexto de surgimento e fortalecimento do Estado-nação, tal fenômeno é radicalizado. A Itália pós reunificação renovou ainda mais os interesses na ideia de legado romano; além de legitimar questões identitárias, ratifica moralmente as pretensões políticas colonialistas no norte da África.⁹ Outrossim, tais empenhos são levados às últimas consequências durante o *Ventennio* fascista. O processo de instrumentalização da Roma Antiga, partiu, inicialmente, de sua idealização e foi levado a cabo através de seu culto. O *Culto della romanità* representou a pretensão ativa de amalgamar os processos históricos antigo e moderno, dentro de um *continuum* legitimador, muito além de uma simples alegoria colateral.¹⁰

⁴ MARTINDALE, C.. “Reception – a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical”. *Classical Receptions Journal*, v. 5, n.2, 2013, p. 175.

⁵ *Ibidem*, p. 171.

⁶ Posição também defendida em: BAKOGIANNI, A.. “O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras”. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2016, p. 117.

⁷ KARLSSON, K.. “Processing Time – On the Manifestations and Activations of Historical Consciousness”. In: BJERG, H. *et al.* (Orgs.). *Historicizing the Uses of the Past. Scandinavian Perspectives on History Culture, Historical Consciousness and Didactics of History Related to World War II*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2012, p. 137.

⁸ SILVA, G.; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R.. “Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira”. *Revista Brasileira de História*, v. 40, n° 84. São Paulo, 2020, p. 45.

⁹ PARODO, C.. “Roma antica e l’archeologia dei simboli nell’Italia fascista”. *Medea*, vol.II, n.1. 2016, pp. 1-3.

¹⁰ SILVA, G.. “Historicidade, memória e escrita da história: Augusto e o Culto della Romanità durante o Ventennio Fascista”. *Romanitas, Revista de Estudos Grecolatinos*, nº. 12, 2018, p. 143.

Para tanto, o fascismo utiliza, de maneira inédita, os meios de divulgação de massa, a fim de mobilizar a cultura para a criação de consenso.¹¹ Desse modo, a população foi bombardeada com imagens e símbolos, que permitiram um relacionamento perceptivo primário dos italianos para com a romanidade.¹² O *Istituto Nazionale Luce*, sociedade paraestatal, que objetivava difundir a cultura e instruir a população, tinha como uma de suas principais frentes a produção de cinejornais.¹³ Por meio dos mesmos, o *culto della romanità* foi sensorialmente ampliado - dado seu formato audiovisual -, e, mediado pela estética persuasiva, tornou-se cada vez mais familiar e acessível ao cidadão comum.

A crescente radicalização do autoritarismo fascista na década de 1930 e a ocupação da Etiópia em 1936, seguida da proclamação do Império fascista, marcaram uma nova fase para o *culto della romanità*, onde a figura de Augusto, fundador do Império romano, tornou-se hegemônica. Ademais, Mussolini passa a construir uma imagem própria altamente associada àquela de Augusto,¹⁴ que personifica o próprio ideal de império,¹⁵ e manifesta, ainda, o valor atemporal da *romanità*.¹⁶ Nesse sentido, as comemorações do Bimilenário do nascimento de Augusto, 1937-8, foram campo fértil para o uso político da história de Roma antiga. A *Mostra Augustea della Romanità*, ponto alto das comemorações, foi uma exposição que apresentou uma verdadeira imersão na vida cultural romana, focalizada em Augusto. A monumentalização do passado acompanhava a idealização do presente através de uma perspectiva didática e político-propagandística.¹⁷

O evento de encerramento da mostra foi a reinauguração da *Ara Pacis Augustae* - Altar da Paz de Augusto -, monumento construído à época de Augusto, a fim de homenagear seu retorno das vitoriosas campanhas na Gália e na Espanha; com o tempo, o mesmo é soterrado. Apesar da progressiva descoberta de alguns fragmentos do altar, a partir do século XVI, são somente os esforços arqueológicos fascistas que conseguirão reaver suas partes em grande monta.¹⁸ A restituição e reconstrução, conduzidas pelo arqueólogo Giuseppe Moretti, foram levadas a cabo em 1937-8. A reconstrução do altar na *Piazza Augusto Imperatore*, local diferente de sua posição

¹¹ CLEMENTE, G.. “O fascismo e os historiadores, sucessos e fracassos do uso político da história”. In: CARNEIRO, M.; CROCI, F.. *Tempos de Fascismos*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 292.

¹² MALVANO, L. *Fascismo e politica dell'immagine*. Turim: Bollati Boringhieri, 1988, p. 142.

¹³ GIARDINA, A. *Op. cit.*, p. 71.

¹⁴ GIARDINA, A.. “Augusto tra due bimillenari”. In: *Augusto*. Milão: Electa Mondadori, 2013, p. 57.

¹⁵ GIUMAN, M.; PARODO, C.. “La Mostra Augustea della Romanità e il mito di Roma antica in epoca fascista”. In: FLECKER, M. et al. (Orgs.). *Augustus ist tot: Lang lebe der Kaiser! Internationales Kolloquium anlässlich des 2000*. Tübingen: Tübinger Archäologische Forschungen, 2017, p. 611.

¹⁶ VISSER, R.. “Fascist doctrine and the cult of the Romanità”. *Journal of Contemporary History*, v. 27, n. 1, 1992, p. 15.

¹⁷ DUPLÁ, A.. “La Roma del Fascismo”. In: SANCHO ROCHER, L. (Org.). *La Antigüedad como paradigma: espejismos, mitos y silencios en el uso de la historia del mundo clásico por los modernos*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2015, p. 153.

¹⁸ CLARIDGE, A.. “Altar of the Augustan Peace (*Ara Pacis Augustae*)”. In: *Rome, an Oxford Archaeological Guide*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 213.

original, em frente ao Mausoléu de Augusto - outro monumento construído por Augusto -, visava fortalecer ainda mais a imagem do primeiro Imperador romano, além de associá-la à do *Duce*.¹⁹

O ressurgimento da *Ara Pacis* pode, ainda, significar bem mais que somente a retomada da imagem de Augusto. A noção de *Pax* romana, momento de estabilidade e prosperidade do império, aliada à ideia de romanização, que reitera a expansão militar e cultural, atrelada a uma suposta assimilação dos povos conquistados, são categorias associadas ao momento de construção do altar - onde a *Pax* se materializa. A evocação do altar por Mussolini, no contexto de invasão da Etiópia e proclamação do império fascista, pode almejar também o ideal assimilador e civilizador, enxergado na romanização.

Por fim, um estudo que busca compreender um uso do passado tem a árdua tarefa de segurar um fio, com suas duas pontas. Quando Mussolini mobiliza a história de Roma, ele também a molda, mediante suas próprias necessidades históricas. Logo, compreender os usos da *Ara Pacis*, na época de Augusto, é fundamental para a análise dos mesmos em sua reativação moderna. O primeiro Imperador romano almejou construir uma autoimagem ligada à ideia de estabilidade, visão corroborada na antiguidade e em grande parte da historiografia. Todavia, “este apaziguamento geral do império não exclui a existência de combates e lutas, quer para a consolidação do poder romano, quer para expansão de suas fronteiras.”²⁰ A *Ara Pacis* é construída no contexto das reformas urbanas promovidas por Augusto: “Augustus manipulated the cityscape to offer dynamic and meaningful sensorial experiences, imbued with directed meaning.”²¹ Tem-se aqui uma busca pela sacralização de sua ação,²² edificada na construção do altar.

Nossa pesquisa pretende, portanto, analisar os usos empreendidos por Mussolini, a partir da instrumentalização da *Ara Pacis Augustae*, através da repercussão da reagrupação, restauro e reinauguração do monumento na *Piazza Augusto Imperatore*, pelos cinejornais do *Istituto Luce*. Ademais, entende-se que o passado mobilizado é construído em vista da legitimação do presente. Logo, compreendê-lo como não estático, ou seja, perceber as motivações e os interesses dos sujeitos históricos envolvidos no mesmo é fundamental. Ressaltamos, enfim, a relevância de empreender estudos que analisem os usos e abusos da história por regimes fascistas, em qualquer que seja a época, a fim de defendê-la, também, em nossa contemporaneidade.

Bibliografia

¹⁹ IONESCU, D.. “Ara Pacis Augustae: un simbolo dell’età augustea: Considerazioni storico-religiose tra Pax Augusta e Pax Augusti”. *Civiltà Romana: Rivista pluridisciplinare di studi su Roma antica e le sue interpretazioni*. Edizioni Quasar, 2014, p. 79.

²⁰ PEREIRA, M.. *Estudos da cultura clássica*. V. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, p. 220.

²¹ FAVRO, D. *The Urban Image of Augustan Rome*. EUA: Cambridge University Press, 1996, p. 4.

²² BELTRÃO, C.; SILVA, D.. “A Domus Augusta no *Vicus Sandaliarius*: imagem e presença augustana num altar romano”. In: CAMPOS, C.; CANDIDO, M.. (Orgs.). *Caesar Augustus: Entre Práticas e Representações*. Vitória/Rio de Janeiro: DLL-UFES/UERJ/NEA, 2014, p. 176.

- BAKOIANNI, Anastasia. “O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras”. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2016, pp. 114-131.
- BELTRÃO, Claudia; SILVA, Débora. “A *Domus Augusta* no *Vicus Sandaliarius*: imagem e presença augustana num altar romano”. In: CAMPOS, C.; CANDIDO, M. (Orgs.). *Caesar Augustus: Entre Práticas e Representações*. Vitória/Rio de Janeiro: DLL-UFES/UERJ/NEA, 2014, pp. 173-190.
- CLARIDGE, Amanda. “Altar of the Augustan Peace (*Ara Pacis Augustae*)”. In: *Rome, an Oxford Archaeological Guide*. Oxford: Oxford University Press, 2010, pp. 207-213.
- CLEMENTE, Guido. “O fascismo e os historiadores, sucessos e fracassos do uso político da história”. In: CARNEIRO, M.; CROCI, F.. *Tempos de Fascismos*. São Paulo: Edusp, 2010, pp. 291-316.
- DUPLÁ, Antonio. “La Roma del Fascismo”. In: SANCHO ROCHER, L. (Org.). *La Antigüedad como paradigma: espejismos, mitos y silencios en el uso de la historia del mundo clásico por los modernos*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2015, p. 137-160.
- FAVRO, Diane. *The urban image of Augustan Rome*. Los Angeles: Cambridge University Press, 1996.
- GIARDINA, Andrea. “O mito fascista da romanidade”. *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, 2008, pp. 55-76.
- GIUMAN, Marco; PARODO, Ciro. “La Mostra Augustea della Romanità e il mito di Roma antica in epoca fascista”. In: FLECKER, M. et al. (Orgs.). *Augustus ist tot: Lang lebe der Kaiser! Internationales Kolloquium anlässlich des 2000*. Tübingen: Tübinger Archäologische Forschungen, 2017, pp. 605-620.
- IONESCU, Dan-Tudor. “*Ara Pacis Augustae*: un simbolo dell’età augustea: Considerazioni storico-religiose tra *Pax Augusta* e *Pax Augusti*.” *Civiltà Romana: Rivista pluridisciplinare di studi su Roma antica e le sue interpretazioni*. Edizioni Quasar, 2014, pp. 75-108.
- KARLSSON, Klas-Göran. “Processing Time – On the Manifestations and Activations of Historical Consciousness”. In: BJERG, H. et al (Orgs.). *Historicizing the Uses of the Past. Scandinavian Perspectives on History Culture, Historical Consciousness and Didactics of History Related to World War II*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2012, pp. 129-143.
- MALVANO, Laura. *Fascismo e politica dell’immagine*. Turim: Bollati Boringhieri, 1988.
- MARTINDALE, Charles. “Reception – a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical”. *Classical Receptions Journal*, v. 5, n.2, 2013, pp. 169-183.
- PARODO, Ciro. “Roma antica e l’archeologia dei simboli nell’Italia fascista”. *Medea*, vol. II, n.1. 2016, pp. 1-27.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. 2. ed. v. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- SILVA, Glaydson José da. “Historicidade, memória e escrita da história: Augusto e o Culto della Romanità durante o Ventennio Fascista”. *Romanitas, Revista de Estudos Grecolatinos*, nº. 12, 2018, pp. 142-163.
- SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. “Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira”. *Revista Brasileira de História*, v. 40, nº 84. São Paulo, 2020, pp. 43-66.
- VISSER, Romke. “Fascist doctrine and the cult of the Romaità”. *Journal of Contemporary History*, v. 27, n. 1, 1992, pp. 5-22.